



MUXES: ENTRE LOCALIDADE E GLOBALIDADE TRANSGENERIDADE EM JUCHITÁN, ISTMO DE TEHUANTEPEC

Luanna Barbosa*

RESUMO

Neste artigo, pretendo descrever e analisar alguns aspectos do que vem sendo divulgado como as transgêneras zapotecas: as muxes. Mencionado muitas vezes também como “os homossexuais zapotecas”, esse grupo se destaca, atualmente, no cenário internacional, como transgressor das normas de gênero da cidade de Juchitán de Zaragoza, no Istmo de Tehuantepec, Sul do México. Entretanto, os trabalhos existentes ainda mantêm uma nuvem de exotismo e perpetuam mitos como a própria definição da muxe como homossexual, a absoluta tolerância da comunidade às muxes, o famoso “paraíso queer”, entre outros. Um dos objetivos deste trabalho é penetrar mais profundamente na cultura juchiteca que dá suporte à existência da muxe e nos aspectos cotidianos desta, incluindo o religioso.

Palavras-chave: Muxes. Juchitán. Transgênero.

MUXES: ENTRE LOCALIDAD Y GLOBALIDAD TRANSGENERIDAD EN JUCHITÁN, ISTMO DE TEHUANTEPEC

RESUMEN

En este artículo, pretendo describir y analizar algunos de los aspectos de lo que suele divulgarse como las transgéneras zapotecas: las muxes. Mencionado muchas de las veces como “los homosexuales zapotecas”, dicho grupo se destaca, actualmente, en el escenario internacional, como transgresor de las normas de género de la ciudad de Juchitán de Zaragoza, en el Istmo de Tehuantepec, sur de México. Sin embargo, los trabajos existentes tienen todavía un cierto exotismo y perpetúan mitos como la misma definición de muxe como homosexual, la absoluta tolerancia de la comunidad a las muxes, el

* A autora possui graduação em Psicologia (UniCEUB), mestrado em Antropologia Social (UnB) e doutorado em Ciências Sociais (Universidad de Guadalajara – México).



famoso “paraiso *queer*” etc. Uno de los objetivos de este trabajo es penetrar más profundamente en la cultura juchiteca en la que está anclada la existencia muxe y en sus aspectos cotidianos, incluyendo el religioso.

Palabras-clave: Muxes. Juchitán. Transgénero.

MUXES: BETWEEN LOCALITY AND GLOBALITY TRANSGENDER BEHAVIOUR IN THE ISTHMUS OF TEHUANTEPEC

ABSTRACT

In this article I intend to describe and analyse the image of what has been disclosed as the zapotecas transgenders: the muxes. Having also been mentioned many times as “the homosexual zapotecas”, this group currently stands out, in the international scenario as being a transgressor of the gender rules in the city of Juchitán de Zaragoza, in the Tehuantepec Isthmus, South Mexico. However, the existing paperwork still maintains the exoticism cloud and perpetuates myths such as the very definition of muxe as being homosexual, the absolute tolerance of the community to muxes and the famous “queer paradise”, among others. One of the aims of this article is go deeper into the juchitecan culture which provides support to the existence of muxes and to its daily aspects, including religion.

Keywords: Muxes. Juchitán. Transgender.

Talvez a pergunta que eu mais tenha recebido durante meus anos de trabalho de campo no Istmo seja: o que são as muxes? Era a mesma pergunta vaga e imprecisa que eu tinha quando comecei a buscar a parca literatura sobre o tema. Havia uma tese de doutorado e o correspondente livro publicado (Marinella MIANO, 2002), bem como um par de artigos (Juan MARTOS, 2010a, Juan MARTOS 2010b, Marinella MIANO, 2010). Documentários, sim, havia muitos, quase sempre sensacionalistas, referindo-se com um tom quase exótico a um distante povoado no Sul do México, no qual “o terceiro sexo” era algo comum e plenamente aceito pela comunidade.

Também por isso, realizar um trabalho de campo em Juchitán foi espinhoso. E talvez a maior dificuldade tenha sido enfrentar-me com as ideias preconcebidas que os trabalhos anteriores, principalmente de cunho jornalístico, haviam semeado ou propagado dentro da própria



comunidade e no meio acadêmico: que se trata de uma sociedade matriarcal, que se trata de um “paraíso queer”¹, que as muxes são homossexuais etc. Penetrar no olho do furacão, chegar à raiz da subjetividade social que permite a existência da muxe e topar com o fundo da panela dos padrões de funcionamento que geraram tantas visões distorcidas sobre a comunidade foi um trabalho exaustivo.

Para compreender a muxe, é necessário compreender o contexto histórico-geográfico de Juchitán e do Istmo de Tehuantepec, a etnia zapoteca, a língua zapoteca, a função do comércio para esse povo, os sistemas religiosos e de devoção, o intrincado sistema de festas e aspectos particulares como o vínculo comunitário e de parentesco, o orgulho e a fofoca. Uma análise extensa de todos esses eixos que compõem o complexo emaranhado que resulta na cultura local constitui uma plataforma para enxergar as muxes de maneira mais profunda, sem resultar em um tipo de leitura que enfoque apenas o gênero como componente do sujeito. Afinal de contas, as muxes, apesar de sempre serem mencionadas a partir de sua condição transgênera, participam e estão inseridas em um sistema de relações em que o próprio gênero é apenas um dos eixos - as muxes são padrinhos e madrinhas, tios e tias, cozinheiras, comerciantes, professoras de dança, prostitutas, compradoras, professoras, vizinhas, filhos e filhas, compadres e comadres, bruxas, amigas e companheiras de bar.

Para orientar o leitor, eu arriscaria uma definição de muxe, tendo como panorama o conceito de transgênero de Letícia Lanz (2014) – para a autora, que inaugura os estudos sobre transgeneridade no Brasil, o que define a condição transgênera é a transgressão da ordem normativa de gênero. Mulheres transgêneras e homens transgêneros, por exemplo, de modo geral, não se sentem conformes ao gênero ao qual foram assignados e ao próprio corpo. A autora também enfatiza a condição local do gênero, visão muito próxima à de Rita Segato, principalmente se temos em vista seu conceito sobre alteridade local (2007).

A perspectiva de Letícia Lanz (2014), que não está atrelada às disputas locais sobre identidade (inclusive porque transgênero não equivale

¹ É comum essa caracterização quando se fala sobre Juchitán, com a conotação de ser um local em que há muita liberdade para a expressão de gênero.



a uma identidade, e sim a uma condição política), leva em consideração o fator que permeia e atravessa todas as manifestações de transgeneridade (a transgressão) e a fluidez que caracteriza a sexualidade e a expressão de gênero no ser humano. E mais, a autora enfatiza uma característica quase sempre esquecida quando se fala sobre gênero, principalmente na ordem social cotidiana: a separação entre desejo sexual, identidade de gênero e *performance*, isto é, o modo como a pessoa se expressa no mundo, para o outro. Não é o fato de uma travesti sentir-se “como uma mulher” e expressar-se “como uma mulher” que conseqüentemente a torna um ser desejante de homens (ou seja, uma “heterossexual”). É comum que se espere que as mulheres transgêneras se relacionem com homens, e que os homens transgêneros se relacionem com mulheres. Isso não é diferente em relação às muxes, e eu discutirei isso mais adiante.

Mas, com relação ao aspecto enfatizado por Letícia Lanz (2014), um ponto interessante em Juchitán é que já existe, na comunidade juchiteca, um espaço reservado à transgressão. É o espaço social das muxes e, para o caso oposto, das ‘nguiu’². As muxes são sujeitos que foram assignados como masculinos ao nascerem, que têm uma performance e uma identidade de gênero femininas ou próximas ao feminino. Eu faço uso desse tipo de expressão porque existem “muxes-homens” e “muxes-mulheres”, ou seja, uma muxe pode ser “vestida de homem” ou “vestida de mulher” e não deixa, por isso, de ser muxe. A “muxe-homem” tampouco representa um ponto num *continuum* que resulta numa evolução em direção ao corpo de “muxe-mulher”. Todas são muxes, finalmente. Eu faria uma comparação da muxe com a bicha, de acordo com a maneira que descrevo para o estado do Piauí (Luanna BARBOSA, 2010).

E o que é que define uma muxe? Muitos trabalhos acadêmicos (por exemplo, Marinella MIANO, 2002) e jornalísticos se encarregaram de divulgar (e talvez até de estabelecer entre as muxes essa concepção) a ideia de que a muxe é o homossexual local. Entretanto, há um tabu raramente divulgado e poucas vezes discutido, inclusive na cidade: há muxes que se relacionam com mulheres e *nguiu*, e certamente há muitas

² Categoria local para a mulher masculinizada.



décadas, pelos relatos e histórias que recolhi, presenciei e vivi. A orientação sexual de uma muxe independe de sua condição transgênera. Daí a definição muito acertada de uma interlocutora muxe, “o que é que caracteriza a muxe, é gostar de um pau? Não, é gostar de uma boneca quando é criança” (Luanna BARBOSA, 2015).

Essa muxe deslocou a definição da muxe da chamada “orientação sexual” para uma área que talvez esteja no terreno da identidade de gênero, ou talvez da performance. E é verdade: todas as muxes, em algum momento de sua infância, eram castigadas por vivenciarem elementos típicos da identidade feminina: cozinhar, limpar a casa, brincar com meninas, usar roupas de mulher, arrumar-se e enfeitar-se, brincar com bonecas, vender. E aqui chegamos a um elemento bastante controverso da maior parte das discussões sobre as muxes, inclusive dentro da própria comunidade: diz-se que toda família quer ter um filho muxe, e que as muxes são muito bem aceitas no seio familiar, porque elas são as responsáveis pelo cuidado dos mais velhos. E isso não é verdade – pelo menos não da maneira como a questão é formulada. Nenhuma família quer ter um filho muxe, em princípio, e as muxes, na maioria dos casos que conheci, foram severamente castigadas e repreendidas pelos seus pais devido a sua condição de gênero. Muitas vezes foram insultadas e golpeadas. Entretanto, as muxes sempre encontraram algum espaço de tolerância na família e na vizinhança – espaço que souberam aproveitar e ampliar. Sempre há uma tia ou uma prima muxe que defende o pequeno e que serve como uma âncora para a identificação e a construção da identidade, sempre há crianças muxes na vizinhança para brincar ou adultos mais simpáticos à condição transgênera das “muxitas”. Além disso, já existe um padrão do que é ser muxe – pelo menos, desde a segunda metade do século XX. Esse fator, aliado à importância cabal do vínculo comunitário e de parentesco, faz com que as muxes, cada vez mais, década após década, gozem de uma certa tolerância.

A muxe cresce como um sujeito da comunidade muxe e, de maneira mais ampla, da comunidade juchiteca, na qual tem funções sociais mais ou menos definidas – ela é um personagem a mais, presente no imaginário social, e apesar da ambiguidade de tal presença, a recepção da sociedade não é, de modo algum, ostensiva. Pode-se falar em ambi-



guidade porque, como venho observando e como ficará mais explícito, a muxe transita entre a exaltação e o escárnio. Se por um lado é tida como trabalhadora, lutadora, filho³ dedicado, hábil artesã, engraçada, cômica, divertida e valente, por outro lado, tem a fama de mentirosa, enganadora, briguenta, ousada, atrevida, bêbada e fofoqueira. A muxe é quase um cartão de visita do Istmo de Tehuantepec, mas, ironicamente, um homem quase nunca se casará com a muxe, e os comportamentos e eventos relacionados a ela são tidos como destoantes da tradição, da família, dos bons costumes.

Não obstante, as muxes também têm seu espaço reservado num âmbito que, para a sociedade juchiteca, é também o da tradição: a religião. Ser muxe não é antônimo de participar do sistema devocional local, de suas práticas, ritos e festas. Juchitán é uma cidade de maioria católica, embora conte com uma presença ascendente de igrejas evangélicas e também com uma forte presença da bruxaria⁴. O sistema

³ Ao longo do texto, pode-se perceber uma certa oscilação entre o masculino e o feminino quando se refere à muxe. De modo geral, as muxes preferem ser tratadas no feminino, e por isso escolho o feminino. Entretanto, as pessoas mais velhas, principalmente pais e tios, quase sempre tratarão as muxes no masculino e utilizando seus nomes de registro civil. Muxes vestidas de homem tendem a ser tratadas no masculino.

⁴ A bruxaria, no México, de modo geral, pode ter influências muito fortes da *santería* cubana, de elementos locais indígenas e do culto à Santa Muerte. Em Juchitán, ocorre também esse tipo de sincretismo que se observa em outras partes do país. Da *santería* cubana, um elemento marcante é a devoção a orixás como Iemanjá (Yemanjá), Oyá, Xangô (*Chango*) e Oxum (*Ochun*); alguns elementos indígenas sempre presentes são as curas e limpezas por meio de ervas sagradas e o diagnóstico de enfermidades com ovos; o culto à Santa Muerte (uma das santas mais populares do México, representada por um esqueleto), que não necessariamente é adorada por todos os praticantes de bruxaria, em si, combina muitos elementos católicos em sua estrutura. A utilização das cartas como oráculo também é bastante presente no sistema local, além do extenso uso de velas e de pós mágicos. De modo geral os bruxos e seus clientes são vistos com temor pela população, e há muitas disputas entre famílias, devido a feitiços, disputas que atravessam gerações. A prática da bruxaria nunca é incompatível com a prática católica, mas o que, sim, é irreconciliável, é a combinação de prática de bruxaria com prática evangélica. Ou seja, é possível que um devoto católico se interesse por práticas ou devoções ligadas à bruxaria, mas isso é improvável da parte de um devoto evangélico, que normalmente evitará um contato muito estreito com os praticantes da bruxaria. Os devotos católicos e evangélicos podem sempre manter relações afetivas e de vizinhança, mas de modo geral os católicos criticarão os evangélicos pelo excesso de restrições – por exemplo, eles não participarão das festas locais, não beberão com todos, e isso pode ser motivo de desafetos.



católico local, diferentemente do evangélico, é marcado por um grande número de festividades, que orientam o calendário anual de qualquer juchiteco, incluindo, evidentemente, as muxes. Também se observa a dedicação da população a inúmeras práticas ligadas ao catolicismo e que podem ocupar a vizinhança por dias.

Assim, é muito comum a presença ativa das muxes em todas estas celebrações: festas em homenagem aos santos, como, por exemplo, San Judas Tadeo e a Virgem de Guadalupe; velórios, nove dias e 40 dias do falecimento; orações diversas; *posadas*⁵ de Natal; Páscoa e Semana Santa; dias dos mortos, em novembro; casamentos “pelo religioso”; batizados; missas; peregrinações, como a da Santa Cruz de los Pescadores.

As celebrações sempre serão comunitárias, e as muxes são bem-vindas em todas elas. Assim, por exemplo, se uma pessoa deseja realizar uma oração em homenagem a um parente falecido, em agradecimento a algum pedido alcançado ou a uma causa pessoal, ela pode divulgar com antecedência essa oração, que será realizada em sua casa, e o evento contará com a presença de amigos, parentes, vizinhos, comadres, compadres, eventualmente alguma rezadeira, além da distribuição de refrigerantes e alguma comida, como o *tamal*⁶; todos os que comparecerem à oração levarão alguma vela ou alguma contribuição em dinheiro. As muxes também podem organizar orações em suas casas, serão convidadas para esse tipo de evento, poderão ajudar na preparação de *tamales* ou na decoração dos altares, por exemplo. Elas são

⁵ As *posadas* são festividades típicas e muito aguardadas pela população, principalmente as crianças, nos últimos dias de dezembro, em torno do Natal. Normalmente, em uma casa que possua um *niño Dios* (menino Jesus) – e esses *niños* possuem sua madrinha e são responsáveis por uma das formas das relações de apadrinhamento –, as pessoas irão vestir o *niño* e providenciar seu altar. Uma rezadeira irá encarregar-se de levar a pequena figura entre as casas das duas comadres. Finalmente, os donos da casa acenderão fogos, que sinalizarão a todas as crianças da redondeza que ali há *posada*: elas virão correndo para receber doces e refrigerantes e também para quebrar uma *piñata*, brinquedo típico do México que corresponde a um quebra-pote, repleto de doces. Os adultos que cheguem irão receber alguma lembrança da *posada* e se sentarão para conversar com as pessoas da casa.

⁶ O *tamal* é uma das comidas típicas do México e se assemelha à pamonha; um dos *tamales* mais famosos é o *tamal oaxaqueño*, do estado de Oaxaca (ao qual pertence Juchitán). Esses *tamales* são servidos em folha de bananeira e podem ser recheados com carne, com frango e mole (outra iguaria do estado de Oaxaca, feita com chocolate).



bem recebidas nas igrejas, podem ser solicitadas como padrinhos ou madrinhas, são responsáveis pela decoração de casamentos e batizados, são excelentes na arrumação de altares e sempre requisitadas em seus serviços. As muxes, muitas vezes, são devotas fervorosas e, como qualquer juchiteco, sempre cuidam e decoram seus altares pessoais.

A devoção católica das muxes, como para o caso de outros juchitecos, não está em conflito com as práticas da bruxaria, com as consultas feitas às cartas e com os cultos dedicados à Santa Muerte.

E, com relação às celebrações próprias das muxes, como suas velas, que serão descritas mais adiante, as muxes não constituem uma exceção – suas *regadas*⁷ terminam ou passam pela igreja, onde uma missa é celebrada, e os padres, de modo geral, têm um discurso de acolhimento à diversidade, aceitação e tolerância – somente recriando e procurando educar “costumes excessivos” das muxes, como o exagero no álcool. Sabe-se que na origem da vela *Santa Cruz del Cielo del Club Baila Conmigo* as muxes foram alertadas pelas autoridades da igreja local que só poderiam terminar sua *regada* no local se chegassem vestidas de homem; elas evidentemente não obedeceram, preferindo não terminar a *regada* na igreja, e até hoje sua *regada* é concluída em uma esquina da sétima sessão, onde tudo teve início.

Talvez a única prática religiosa que se choque de uma maneira mais frontal com a identidade da muxe seja a evangélica; pode ser que muxes que pertençam a famílias evangélicas experimentem um forte sentimento de culpa com relação à sua condição de gênero, mas, de modo geral, o vínculo de parentesco e o apego àquele membro da família têm um peso mais forte, no que se refere à aceitação.

Nem todas as muxes querem revelar às suas famílias que são muxes – apesar de que todos quase sempre o sabem, e sempre haverá comentários e fofocas. As que não querem expor-se ou as que realmente gostam de manter um aspecto masculino vestem-se como os homens, apesar de que sempre têm trejeitos femininos e detalhes femininos no

⁷ Na página 10, trago uma definição das velas e uma explicação sobre sua estrutura; a *regada* é um dos momentos importantes de uma vela e consiste em um desfile em que os integrantes da vela seguem em procissão pela cidade, acompanhados por cavalos, bandas de música e carros de boi adornados, momento no qual se distribuem utensílios e alimentos para a população.



vestuário, facilmente identificados por qualquer habitante. E há muitas que, cada vez com maior frequência, desde a década de 80, vestem-se de mulher e fazem transformações corporais na Cidade do México.

As muxes que se vestem de homem, normalmente, são as únicas que conseguem chegar a níveis mais avançados de educação formal e a empregos de maior prestígio (como professor, advogado, enfermeiro, psicólogo). E as muxes que se vestem de mulher quase sempre interromperam a vida escolar devido à falta de aceitação e exercem as funções mais comuns no mundo muxe: cozinheira, decoradora de festas, professora de dança (para as coreografias de 15 anos, principalmente), costureira, bordadeira, dona de casa, cabelereira, estilista, prostituta (uma atividade que nunca é discutida nem na cidade nem nos trabalhos acadêmicos). Seja como seja, as muxes sempre ocupam uma função social importante devido às suas habilidades e atividades profissionais, além de uma função familiar: elas sempre contribuem para o orçamento doméstico. Como as muxes raramente se casam (algo que discutirei adiante), elas quase sempre ficam com os pais (quando não vão viver na Cidade do México). Ajudam-lhes financeiramente e, conforme eles se tornam velhos, elas passam a cuidar deles. A muxe, com o passar dos anos, pode tornar-se um alicerce da casa – muito em parte devido ao sistema de parentesco mesoamericano: o filho mais novo ou o filho que não se casa (às vezes a muxe ocupa os dois requisitos e é mais co-brada ainda pela sua família) é aquele que deve cuidar dos mais velhos. A muxe, que é muito orgulhosa, como quase todos os juchitecos, vai exercer essa função com requinte de esmeros e atenções. Gradualmente, os pais podem tornar-se dependentes das muxes, e elas recuperam, de maneira invertida, a situação muitas vezes humilhante que tiveram que sofrer algumas décadas atrás: são as cuidadoras daqueles que as oprimiram e maltrataram quando jovens. Essa configuração criou o mito de que as famílias querem um filho muxe e de que as muxes são muito bem aceitas em suas famílias. Na verdade, além de já existir um lugar mais ou menos programado para a muxe na comunidade juchiteca, elas também oferecem muito a essa comunidade, em termos afetivos e laborais (sem contar com o aspecto sexual, discutido adiante). Assim, já começa a perceber-se que não se pode compreender a muxe simplesmente devido ao aspecto de gênero. Um dos fatores imprescindíveis para ver as muxes são as relações de parentesco.



E as muxes não vivem separadas da população em geral, em guetos. Elas são parte integrante da comunidade (o que não significa que não existam piadinhas, brincadeiras de mau gosto e preconceito, além de verdadeiros crimes de ódio). Além de filhas e filhos, como já comentei, as muxes sempre são as tias mais queridas. Como raramente têm filhos, são tias dedicadas e atenciosas. São compadres, comadres, padrinhos e madrinhas – quase toda criança tem um padrinho ou madrinha muxe. São populares em sua vizinhança por serem divertidas, comunicativas e hábeis em seus ofícios.

Quanto à performance feminina, é o elemento que mais atraiu o público estrangeiro, justamente devido ao uso do traje regional feminino pelas muxes (o traje *istmenho* é um dos que mais chamam a atenção dentro do país e que inclusive caracteriza a república mexicana para o resto do mundo, devido ao uso que Frida Kahlo fazia dessa indumentária)⁸. Devido à maneira firme e extensa em que as muxes se apropriaram das vestes femininas, pode parecer, ao viajante apressado, que sempre foi assim. Na verdade, trata-se de um fenômeno recente. As muxes, mais ou menos entre as décadas de 1930 e 1950, eram como qualquer outro homem, seja campesino ou artesão. Até usavam chapéus, e, talvez, o que as diferenciava de outros homens, segundo o que escutei da população mais velha, era a maneira de falar, a entonação da voz. Já para as décadas seguintes, as muxes já usavam shorts e camisetas – era a roupa cotidiana das muxes que atualmente têm entre 40 e 50 anos. É na década de 1980 que as muxes, principalmente da terceira geração (mais adiante descreverei um pouco as gerações de muxes), começam a usar roupas mais femininas. Uma ou duas atreviam-se a portar o vestido regional feminino típico (os *huipiles*⁹ e *enaguas*¹⁰) diariamente. É somente nos anos 1990 que se estabeleceu o costume, entre as muxes, de vestir-se com a roupa regional *istmenha*.

⁸ O traje regional pode ser observado na figura 1.

⁹ *Huipil* é uma palavra que significa um determinado tipo de blusa feminina, solta e adornada; no idioma zapoteco (*didxa zaa*), a palavra correspondente é *bidaani*. O *huipil* típico do Istmo é o que aparece na figura 1, e, de acordo com seu tecido e bordado pode ser mais ou menos adequado a uma ocasião e pode trazer mais ou menos prestígio à mulher que o porte.

¹⁰ Saia.

FIGURA 1: Muxes na vela de San Juan Bautista, realizada na Cidade do México, em 2013 (há quatro mulheres não-muxes na foto).



Fonte: Luanna BARBOSA, 2015.

É a partir daí que as muxes começam a aperfeiçoar-se mais e mais no uso da roupa regional, além dos penteados. E é também a partir dos anos 1980, com a influência da televisão e de cantoras famosas dos Estados Unidos e do México, que as muxes começam também a aperfeiçoar-se na feitura de vestidos de moda e de gala – nem todas as muxes vão adaptar-se ao uso da roupa regional (que veem como antiquada, somando-se ao fato de que são muito quentes para as terras istmenhas), e vão ter a tendência de vestir-se de maneira mais glamourosa e moderna.

Até o início da década de 1980 as muxes tinham que fazer esforços incomensuráveis para conseguir moldes para obter as curvas do corpo com espuma, perucas e tecidos para seus vestidos, mas hoje elas contam com um arsenal imenso de produtos que vêm da Cidade do México para



todo tipo de transformação possível. Tornam-se mais e mais comuns, a partir do início do século XXI, as operações de nariz (as muxes morrem de vergonha do nariz zapoteco, largo e grande), de implantação de próteses de mamas (de silicone) e de injeção de bio-polímero (uma substância altamente perigosa para a saúde) para “formar” as nádegas e as pernas principalmente.

As muxes da primeira geração, que hoje em dia têm entre 50 e 70 anos, vestem-se de homem. Pode ser que tenham uma maneira mais afeminada de falar ou que usem uma joia de ouro típica das mulheres. Nessa geração, encontram-se muxes com ofícios tradicionais, como dedicar-se à feitura do huipil ou a fazer bonecas de barro, e até muxes professores¹¹, como o falecido filósofo Eli Bartolo, conhecido principalmente pelo seu ativismo na luta contra a Aids.

As muxes da segunda geração atualmente têm entre 40 e 50 anos e, junto com algumas muxes da primeira geração, são principalmente as responsáveis pela organização da famosa Vela das Autênticas Intrépidas Buscadoras do Perigo, que comentarei adiante. São muxes pioneiras, mas que ainda exibem atitudes muito machistas (como ocorre com quase todos os homens juchitecos). Nessa geração, encontram-se muxes vestidas de homem e de mulher. Essas muxes já se tornaram famosas devido aos muitos documentários de que participaram, têm seus negócios firmemente estabelecidos e quase sempre já perderam um dos pais, ficando ao seu encargo o cuidado com o outro.

As muxes da terceira geração – que têm entre 30 e 40 anos – talvez sejam as muxes mais ousadas no que se refere às transformações corporais. São elas as que inauguraram o grupo que mais recorre a esse tipo de modificação, como as próteses de silicone, e as que primeiro chegaram à Cidade do México para prostituir-se. Muitas delas são fundadoras da vela *Santa Cruz del Cielo del Club Baila Conmigo*, e da mais recente vela *Noche Buena*. Esse grupo, talvez um dos mais heterogêneos,

¹¹ As muxes que exercem profissões mais formais, como são as de professor, advogado ou psicólogo, sempre são “muxes-homens”, ou seja, muxes vestidas de homem; essas muxes quase sempre são tratadas no masculino, e preferem que assim seja, no âmbito profissional, embora não raro tenham um apelido feminino para os amigos mais íntimos, e não se magoarão com referências femininas no trato informal.



é um dos mais marcados pela complexa “oposição” entre a vivência da tradição e a vivência do mundo nacional e globalizado. Trata-se de muxes que quase sempre conhecem de uma maneira profunda outros tipos de experiências transgêneras, podem chegar a considerar-se transexuais ou mulheres (utilizando o discurso mais expandido), fazem uso de inúmeros recursos aos quais se tem acesso na Cidade do México e constituem, lá, parte da diáspora muxe. Seus ofícios são diversos, como decoradoras de festas, estilistas, cabelereiras, comerciantes ou prostitutas.

A quarta geração, que atualmente tem entre 18 e 30 anos, constitui um grupo nascente e variado. Em muitos casos são jovens que têm percepção semelhante à de certos jovens das cidades mais urbanas e modernas – percepção da sexualidade e das identidades de gênero como fluidas. Nessa geração é mais perceptível a abertura à presença de muxes que se relacionem com mulheres, e inclusive há jovens que são reconhecidos como muxes, mas que não se identificam como muxes. O preconceito com esse tipo de relação (“*tortillas*”) é menor nesta geração e cresce progressivamente até chegar à primeira. Estas muxes (“*muxitas*”) têm o caminho facilitado principalmente pelas muxes da segunda e da terceira gerações, acesso privilegiado não só às transformações corporais e recursos materiais, como também à ideia e ao estereótipo do que é ser muxe (que as muxes da segunda geração tiveram que construir). Muitas delas seguem suas companheiras na atividade da prostituição na Cidade do México, e outras continuam com suas famílias, ajudando nas atividades desempenhadas por estas, mas sempre com o sonho de sair de Juchitán.

Agora devemos analisar: se Juchitán fosse o paraíso *queer*, como observa Ordon (2012) para o caso da diáspora muxe em Guadalajara, as muxes não migrariam para prostituir-se em outros estados. Isso tampouco significa que a vida das muxes em Juchitán seja impossível ou ruim: de fato, observa-se maior tolerância à condição transgênera, em comparação a outras cidades mexicanas e talvez da América; as muxes podem ocupar muitíssimas funções laborais e têm uma função social no grupo familiar e no grupo da vizinhança. Entretanto, essa aceitação não é plena. Além disso, como Juchitán (apesar de ser o centro comercial e cultural do Istmo de Tehuantepec) é uma cidade relativamente



provinciana e tradicionalista – como dizem as muxes, “as pessoas têm uma mente fechada” –, todas as muxes têm (ou ao menos tiveram uma vez na vida) o sonho de conhecer outras realidades e de experimentar com seu corpo o que não é muito possível em Juchitán.

As muxes que vão à Cidade do México sempre contam com uma comunidade que as recebe e fornece suporte afetivo e material para que elas possam iniciar sua vida. Trata-se de um grupo mais ou menos guetificado, mas não excluído. As muxes realizam todas suas atividades entre si, geralmente falam em zapoteco e sempre reproduzem o modo de vida istmenho (o que se observa nas comidas, que sempre são trazidas por viajantes, nas festas que realizam e nos ofícios que seguem exercendo paralelamente à prostituição). Mesmo que cheguem apenas para passear ou para prostituir-se por um tempo reduzido com o fim de economizar para suas próteses ou para solver alguns gastos, as muxes quase sempre se estabelecem e não voltam mais.

Aí na Cidade do México, as muxes recém-chegadas vão desenvolver sólidas relações com as muxes que já viviam na capital mexicana. Normalmente já as conheciam e é por isso que foram recebidas, mas os laços se estreitam mais ainda. As muxes mais velhas ou que já radicam na Cidade do México serão suas madrinhas e as iniciarão no *habitus* que vai marcar a vida da muxe que se prostitui. Tudo deverá ser aprendido: desde o tom de voz e os locais onde se podem comprar maquiagem, perucas, roupas e produtos de beleza adequados, aos médicos que fazem as operações desejadas e às “manhas” para conseguir o máximo de dinheiro dos clientes. As muxes que vivem na Cidade do México têm um modo de vida absolutamente diferente de suas paisanas que vivem no Istmo e que chega a ser quase ascético: vivem em função do trabalho, não devem engordar, economizam muito para ajudar suas famílias, para as festas em que serão rainhas e capitanas e para manter as despesas caríssimas que exigem seus corpos – todos esses são detalhes que as jovens muxes que sonham ir à Cidade do México não imaginam enfrentar, iludidas com o ar cosmopolita e glamouroso das muxes diaspóricas que, quando chegam a Juchitán para as festas, sempre são as mais deslumbrantes.

Não se pode dizer que as muxes que vivem na Cidade do México não gostem de sua atividade laboral. Não obstante, muitas vezes se



cansam, principalmente devido às noites não dormidas e a ter que suportar homens que algumas vezes são aborrecidos para elas. Mas o dinheiro sempre chega muito rápido, e a muxe, além de desenvolver um estilo de vida e laços afetivos sólidos (elas sempre compartilham apartamentos entre si), termina sendo capturada pelo seu próprio cotidiano. Ela sente saudades de sua terra e de seus parentes e amigos, mas não imagina mais sua vida em Juchitán. Sempre vai regressar à sua terra no próximo ano... Mas depois de estar uma semana em Juchitán, quando vai de férias, sempre se cansa ou se entedia porque faz muito calor, porque há muitas fofocas, porque não há o que fazer, porque há muitas festas, porque se bebe muito... e sempre retorna à capital.

Um dos problemas encontrados por essas muxes diaspóricas em sua cidade é justamente um dos elementos que tornou o Istmo de Tehuantepec famoso: as festas e, particularmente, as velas. As muxes sempre vão a Juchitán para participar das velas e sempre vão recordar seus bons momentos com amigas e parentes, mas sempre vão se queixar de que se bebe muito, e as comidas são gostosas, de modo que sempre voltam à Cidade do México com três ou quatro quilos a mais, correndo o risco de perder seus clientes.

As festas istmenhas têm características muito particulares e refletem um fator que vai marcar o modo de relacionamento social de Juchitán: a reciprocidade. Por incrível que possa parecer, lá, tudo se festeja, e é possível que haja festas todos os dias. Aniversários (do sujeito ou de casamento), batizados, quinze anos, formaturas, casamentos, tudo é ocasião. E as festas não são eventos privados dentro das casas da família – raramente, quando essa dispõe de poucos recursos. Normalmente, as festas ou *pachangas* são as responsáveis pelo fechamento de toda uma rua ou de um trecho considerável, ocasionando que todo o trânsito tenha que se desviar. Praticamente qualquer pessoa pode ir às festas – basta que ela seja convidada de outro convidado. Ela vai entrar, quase sempre portando a roupa adequada, e entregar ao anfitrião um *cartón* de cerveja (caixa com 24 cervejas) e/ ou uma *limosna* (de 50 a 200 pesos), para ajudar a solver os gastos da festa. O que o convidado vai entregar ao anfitrião depende das “dívidas” que ele tem com este – se o anfitrião já foi a uma festa do convidado, normalmente o convidado,



que já foi anfitrião, retribuirá o que recebeu. Caso não haja dívidas, quase sempre os homens e muxes entregam *cartones*, e as mulheres, *limosnas*. Então, o anfitrião assignará ao convidado uma cadeira e lhe entregará um prato de petiscos e uma ou duas cervejas, que serão repostas até que se acabe a festa. Os convidados vão conversar e dançar até que não possam mais. O prestígio do anfitrião se faz em função da qualidade dos petiscos, da quantidade de cerveja que distribui, da qualidade do grupo de música que se contratou e da atenção que deu aos seus convidados.

As festas sempre são muito decoradas, e as muxes quase sempre são as pessoas contratadas para fazer os adornos. Os petiscos quase sempre são feitos entre as mulheres da família anfitriã – e aí também se observa a reciprocidade: as mulheres (parentes, amigas e vizinhas) que foram ajudar a fazer os petiscos, no futuro, chamarão as que receberam a ajuda para fazer os seus petiscos, quando façam festas. Muitos amigos e conhecidos meus que chegaram a Juchitán perguntavam espantados se os juchitecos viviam para fazer festas e onde conseguiam tanto dinheiro para isso. Minha resposta era que os juchitecos trabalhavam *para* fazer suas festas. As festas são um dos fatores principais que movem e organizam Juchitán. Espera-se que o sujeito invista seu dinheiro em festas, convidando seus amigos e parentes, que devem participar (recusar ou não comparecer a uma festa é motivo de grande ofensa), e em seguida receber os seus anfitriões em suas festas.

Além das festas mais comuns, também estão o rapto da noiva (tradição istmenha) e todas as celebrações religiosas que se mencionaram. Em todas as festas e comemorações se observam o ritual da reciprocidade (você sempre terá a obrigação de comparecer às celebrações das pessoas que compareceram às suas), a redistribuição de recursos e o auxílio de comadres, vizinhos e amigos. As muxes estão presentes em todas as celebrações, seja como membros da família anfitriã (inclusive como membros que encabeçam essa família), seja como contratadas para seus serviços ou como convidadas.

As festas mais importantes do Istmo, principalmente em Juchitán, são as velas. São celebrações de grande porte que ocorrem principalmente no mês de maio – mês em que de fato há festas todos os dias.



As velas podem celebrar profissões (como a vela dos Pescadores e a vela *Cantaritos*), regiões (como a vela Calvario e a vela *Cheguigu*), santos (como as principais velas, San Vicente Ferrer Grande e San Vicente Ferrer Chico, e as velas de San Vicente Labrador) ou até mesmo datas históricas. Nas velas, o uso do traje regional ou da *enagua de holán* pelas mulheres é rigoroso¹². Os homens devem usar calça preta e *guayabera* branca (um tipo de blusa social). As velas começarão cerca de nove ou dez horas da noite e terminarão cerca de seis ou sete da manhã, chova ou não. O padrão é o mesmo de todas as festas, mas há a coroação de uma rainha e outra diferença: a festa dura três dias. No dia seguinte, haverá uma “*regada de frutas*”. Antigamente, a rainha, as *capitanas* e *capitanes* com seus acompanhantes e outros integrantes saíam em procissão pelas ruas, em carros de bois adornados, jogando frutas à população – frutas que simbolizavam a fartura das primeiras colheitas. Atualmente, jogam-se utensílios domésticos de plástico e itens de supermercado à população, que se aglutina em todas as ruas e esquinas por onde a *regada* vai passar, ao som de bandas regionais e constituída por cavalos, carros alegóricos e carros de boi adornados. As muxes também são as principais encarregadas dessas decorações tão típicas.

No terceiro dia, geralmente se realiza a *lavada de ollas*, que antes era o dia em que vizinhos, parentes e amigos se reuniam para ajudar os que realizaram a festa a lavar e arrumar. Entretanto, as *lavadas* se converteram em uma festa a mais, no molde das festas tradicionais, sendo que começam mais cedo e terminam mais cedo.

As muxes, há cerca de 40 anos, realizam suas próprias velas. Atualmente há quatro velas muxes principais: a mais antiga, mais famosa e mais captada pelos meios de comunicação, a vela das Intrépidas, já mencionada anteriormente; a vela *Baila Conmigo*, também mencionada, organizada nas tradicionais sexta e sétima seções¹³, por muxes da terceira geração; e as velas mais recentes, a da *Sociedad Lésbico-Gay* e

¹² A descrição do vestido regional istmenho, assim como a sua adequação a cada ocasião, é muito complexa. Basicamente, o traje regional, composto de *huipil* e saia completamente bordados, deve ser usado nas ocasiões mais solenes. Em ocasiões mais corriqueiras, pode-se usar um *huipil* com uma saia de tipo *rabona*.

¹³ Juchitán é dividido em nove seções, sendo a sexta e a sétima as consideradas mais tradicionais e perigosas. Meu trabalho de campo se deu principalmente nesse setor, em que aluguei minha casa.



Noche Buena. As últimas velas são dissidências das velas mais antigas. Entretanto, *Baila Conmigo* tem uma história peculiar – trata-se de uma vela que teve origem nas brincadeiras infantis de muxes da sexta e sétima seções, uma vela que deu origem à primeira *regada* de frutas muxe e ao primeiro baile realizado nas ruas, como as velas tradicionais (as Intrépidas sempre realizaram seus bailes em salões de festas).

As muxes protagonizam essas velas, que atraem um público não só de todo o estado de Oaxaca, como de outros estados e países. As velas sempre contam não só com a coroação de uma rainha, como com desfiles e shows “travestis” que consistem na imitação de cantoras famosas, principalmente dos Estados Unidos e do México. Grande parte da população vai atraída por esses shows – devo salientar que as velas das muxes não são ambientes de segregação em nenhum sentido: participam todos os setores da população, de vários estratos econômicos e de várias seções, sejam casais heterossexuais, senhoras de família já mais velhas, crianças ou muxes. Particularmente na vela *Baila Conmigo*, observa-se a presença de muitas senhoras e famílias: são os vizinhos e parentes das muxitas que começaram a vela ainda jovens e que hoje já têm entre 35 e 40 anos.

As velas são um cenário importantíssimo no qual se refletem diversos aspectos da vida muxe. A vela é uma porta de entrada para a realização do trabalho de qualquer pesquisador, porque é aí que se pode vislumbrar, de maneira conjunta a importância do comércio; a presença da cerveja e das empresas cervejeiras na cidade; a economia voltada para as festas e o aspecto da reciprocidade; as relações de gênero; a importância do vestido regional. Entretanto, um estrangeiro que chega apenas com o objetivo de fotografar a vela talvez não possa captar todas estas nuances: disputas, invejas, ciúmes, brigas, divisões, preconceitos, além de todos os detalhes que estão relacionados ao trabalho sem fim que é realizar uma vela.

Ser *mayordomo* (o responsável por grande parte dos gastos de uma vela) e rainha é algo que pode converter-se em fonte de prestígio. Muitas muxes passam anos economizando para serem rainhas e inclusive podem realizar procedimentos como o implante de próteses de mama para seu reinado. Elas precisam pagar um grupo musical, confeccionar



vestidos originais e vistosos, além de responsabilizar-se por diversos outros gastos e detalhes que envolvem muito trabalho e tempo. Normalmente, as famílias ajudarão a muxe. Elas economizarão e mobilizarão todos os seus amigos e parentes para que possam “luzir”. Como diziam minhas interlocutoras, “tudo pela puteria¹⁴”. Uma rainha pode ser famosa durante muitos anos, devido aos seus vestidos, devido às inovações, devido ao seu carro alegórico na regada etc. Normalmente, haverá disputas infinitas em uma vela muxe: todas gastarão muito dinheiro para que possam “luzir” os melhores vestidos, os melhores penteados, as melhores ideias. Há muxes que recorrem ao vestido tradicional regional, mas o mais comum atualmente são ideias originais do mundo nacional e globalizado, no caso das muxes diaspóricas, principalmente.

Muito da vida das muxes pode ser dedicado a fazer “os outros putos se arderem” – as muxes precisam luzir, principalmente em sua performance feminina, e isso quase sempre é feito apelando-se ao “ofuscar outras muxes”. Diziam minhas interlocutoras que as muxes “se viboreiam entre si”, “se comem entre si”, o que é verdade: há muitas fofocas, há muita inveja, há muita bruxaria, há muitas brigas, há muitas mentiras. Eu cheguei a presenciar, em uma ocasião, a suposta morte de uma muxe amiga minha – um carro de som passou por todas as ruas anunciando a morte dessa muxe, e chegaram parentes de fora da cidade para seu velório... até descobrirem que se tratava da intriga de outra muxe que tinha ressentimentos antigos com ela. É preciso aprender a mentir, a calar, a omitir, a não levar a fofoca adiante, a diferenciar entre a verdade e a fofoca, a ler a verdade na fofoca. Por outro lado, mesmo as muxes que tenham suas distinções ou disputas (se são muxe-homem ou muxe-mulher, se são de sessões distintas, se são sócias de velas que se disputam, se são de classes econômicas diferentes etc) nunca deixarão de falar-se ou de frequentar-se – não por tanto tempo. No fim das contas, sempre há outros fatores que as unirão, como a própria identidade muxe (geralmente em oposição às pessoas que não são muxes) e as relações de parentesco e de vizinhança.

Viver entre as muxes pode ser divertido, alegre, desesperador, do-

¹⁴ Puto é um tipo de insulto que equivaleria ao de bicha e que é reapropriado pelas muxes entre si, de maneira carinhosa.



loroso. As histórias são únicas, e é muito difícil descrever um padrão de subjetividade muxe comum. Inclusive é possível dizer que, se há alguma essência muxe, como tantos querem, essa essência (ou padrão) ainda está em construção. E já conta com muitas dissidências. Principalmente no que se refere à sexualidade.

A maioria dos trabalhos realizados até então, junto com a população juchiteca, afirma que as muxes são homossexuais, como venho comentando. As próprias muxes quase sempre vão afirmar que são homossexuais – partindo da ideia do genital masculino. E eu acreditei firmemente nisso nos meus primeiros meses de trabalho de campo. Entretanto, com o passar do tempo, dei-me conta do que constituiria talvez o ponto central de meu trabalho e a ferida que ele representava para muitos segmentos da comunidade muxe: o relacionamento das muxes com as mulheres, quase sempre ocultado pelas muxes.

Um dos piores insultos que se pode proferir a uma muxe é chamá-la de *tortilla*. A *tortilla*, alimento básico mexicano, quando feita à mão, é lançada de uma mão a outra, ou seja, “se *voltea*”. Uma pessoa que faz *tortillas* é uma pessoa que “se *voltea*”, ou seja, “faz dos dois lados”. Se a muxe “é ativa” (o que se supõe que ela faz com a mulher), ela é *tortilla*¹⁵. Relacionar-se com uma mulher (com uma muxe também) é um grande tabu. Afinal de contas, “por que a muxe tornou-se mulher? Para terminar com uma mulher?”¹⁶ – e esse preconceito é observado inclusive entre as muxes-homens. A relação com a mulher é profundamente negada, como se se tratasse de uma séria violação às leis implícitas do mundo muxe. Ser *tortilla* é negar o caráter da muxe, é negar sua feminilidade. Assim, as relações das muxes com mulheres são escondidas, ocorrem à noite, pelas madrugadas, e nos raros casos em que são formais, quase não são comentadas. A muxe que é fiel a seus desejos e se relaciona com uma mulher coloca em jogo alguma suposta essência do que é ser muxe e corre o risco de sofrer os comentários maldosos da comunidade muxe, constrangimentos e o ostracismo.

¹⁵ Pode-se fazer uma aproximação com o termo “gilete”.

¹⁶ Paradoxalmente, é muito comum a convivência estável de duas mulheres – sendo uma das duas *nguiu'*, sempre, ou seja, mantendo o padrão heteronormativo. O inverso não é comum, ou seja, não se observa comumente a convivência da muxe com um homem.



Eu tive acesso à vida íntima de muitas muxes e mulheres e posso afirmar que essa relação é mais comum do que se suspeita. Além disso, há casos famosos desse tipo de relação, como o da falecida María Victoria. Essa muxe, cuja história tentei reconstruir, nasceu na década de 1930, era da tradicional sétima seção, e seu principal ofício era fazer bonecas de barro. Ela se casou com uma mulher, Sodelba, e teve oito filhos. Como as muxes de sua geração, María Victoria não usava roupas femininas, mas sempre trazia uma flor na cabeça, as tradicionais joias de ouro, botões de ouro em suas *guayaberas* e batom. Ela cuidava de todos os serviços domésticos junto com Sodelba, além de cuidar do traje da mulher quando iam às festas e de seus penteados. De acordo com minhas entrevistas e com os relatos escutados por mim, María Victoria era conhecida como muxe, e seu nome de nascimento, Mariano, quase não era escutado na vizinhança. Ela atualmente seria considerada uma “muxe lésbica” (*muxe nguui'*), o que hoje constitui um insulto para quase todas as muxes - como o conceito de ser muxe é ainda frágil, e o elemento da homossexualidade¹⁷ recebe mais destaque do que a condição da transgeneridade (e, afinal, pessoas transgêneras podem ter qualquer tipo de orientação sexual...), manter relações erótico-afetivas com mulheres pode equivaler a uma ameaça de expulsão da comunidade. Mas María Victoria soube se impor à toda sua comunidade e foi bastante respeitada.

O (suposto) padrão erótico-afetivo que seguem as muxes - inclusive se salientamos que as muxes quase sempre são as pessoas escolhidas para uma relação sexual, pelo homem jovem, que ainda não se casou, e pelo homem que deseja ter aventuras extraconjugais - tem uma função de estabilizar a heteronormatividade em Juchitán. Se, por um lado, a transgressão de gênero tem o seu local reservado na comunidade, ela ocorre somente nos moldes já estabelecidos e de mãos dadas com a heteronorma e o machismo vigentes na cidade. É difícil pensar as relações eróticas das muxes sem essa estrutura sutil, não obstante a fluidez dos desejos. Por exemplo, as muxes sempre terão os seus *mayates* - eles são homens “heterossexuais” (muitas vezes casados) que saem com as

¹⁷ O que na realidade soa de modo estranho, afinal, se as muxes são “como mulheres”, a relação com um homem não poderia ser, a rigor, caracterizada como homossexual.



muxes, quase sempre as explorando o máximo possível. Normalmente, as muxes arcam com grande parte das despesas de seus *mayates*, pelo menos quando saem, e estes se aproveitam do fato de que ninguém terá relações formais com a muxe (são raros os homens que se casam com muxes). Os *mayates* exercem em relação às muxes um tipo de violência simbólica e até física que reflete o machismo juchiteco. O *puto* é também um corpo abjeto (Judith BUTLER, 2005) – ele não é mulher, ele não pode gerar filhos, ele é um corpo que está disponível ao desejo do outro e que pode ser maltratado. Muitas muxes terminam envolvendo-se em brigas devido ao *mayate* que se relaciona com duas ou três muxes (quase sempre amigas) ao mesmo tempo. A competição pode ser drástica e resultar em fofocas, brigas e violência física.

Quando as muxes vão procurar um homem, é comum que elas digam que “vão comprar” – exatamente porque muitas vezes lhes dão dinheiro. De maneira inversa, quando elas vão prostituir-se no mercado da cidade, elas dizem que “vão vender”. (É interessante notar como a lógica comercial marca a subjetividade dos juchitecos.) Normalmente, essas atividades são feitas às escondidas das famílias.

Na realidade, a sexualidade das muxes é muito mais fluida do que dita a norma que regulamenta sua “homossexualidade”. Como em qualquer parte do mundo, o desejo é errante (Luanna BARBOSA, 2013; Luanna BARBOSA; Hilan BENSUSAN, 2012). Dependendo da muxe, de sua história de vida e do momento que vivencia, o desejo dela pode estar dirigido a um homem, a uma mulher ou até mesmo a uma muxe. Mas, graças ao poder do sistema normativo e do machismo que imperam em Juchitán, quase todas as muxes se tornam escravas da exploração de algum *mayate* e envelhecem sozinhas, dedicando-se aos pais e aos sobrinhos. O que as muxes diaspóricas que se prostituem na Cidade do México fazem é inverter esse jogo, explorando ao máximo o poder de compra dos clientes, que procuram essas “*chicas trans*” exóticas.

Como a muxe habita um mundo feminino e como se utiliza de todos os recursos para conseguir uma performance feminina, devido ao peso da heteronormatividade, existe uma confusão que é comum em muitos mundos transgêneros (como entre as *hijras* da Índia, Gayatri REDDY, 2005) e que mencionei anteriormente: a muxe, assim como a



comunidade em geral, faz equivaler desejo sexual, identidade de gênero e performance. Assim, torna-se fácil deduzir que, como a muxe se sente mulher e como ela é “como uma mulher”¹⁸, ela se relaciona com um homem. Isso pode parecer óbvio. Poucas muxes conseguem “desligar-se dessa operação lógica” e ser donas de seu desejo. Quase sempre o peso da comunidade domina, até para as muxes mais ousadas.

As regras em Juchitán podem parecer muito diáfanas – afinal, não existem muitas disputas em torno da categoria muxe (como ocorre no Brasil para as mulheres transgêneras, que se submetem a uma verdadeira hierarquia, que vai desde a *crossdresser* até à “transexual operada”), já que, seja muxe-homem, seja muxe-mulher, são todas muxes, e a muxe que só usa uma camiseta mais feminina é tão muxe como a que colocou mamas – nunca uma muxe se envolverá em uma querela acusando uma outra de que ela não é muxe, e, aos olhos da comunidade juchiteca, a classificação de muxe é mais taxativa ainda, nesse sentido: somente a maneira de andar já pode denunciar a condição muxe. Por outro lado, podem ocorrer microdisputas que nunca resultam em um grande divisionismo ou em brigas mais sérias. As muxes-mulheres muitas vezes podem rejeitar as muxes-homens dizendo que não são muxes verdadeiras, e as muxes-homens podem dizer que as muxes-mulheres são desocupadas que não pensam em nada além do corpo e que se transformam para prostituir-se; na realidade, trata-se mais de uma “implicância” que se expressa em conversas de bar, mas que nunca chega a constituir um foco de separatismo - na verdade, todas são amigas, todas se convidam para suas festas, e inclusive as muxes diaspóricas sempre contam com o auxílio de suas amigas vestidas de homem, que saem para realizar seus afazeres diários, na rua, já que elas levam ao menos duas horas arrumando-se o suficiente para sair à luz do dia.

Sejam vestidas de homem ou de mulher, as muxes são verdadeiros atores efeministas (Luanna BARBOSA, 2013; Luanna BARBOSA; Hilan BENSUSAN, 2012), verdadeiros protagonistas do mundo feminino. Conhecem absolutamente tudo da performance feminina e são as melhores cabelereiras, estilistas, costureiras e professoras de dança. As muxes muitas vezes são as responsáveis por arrumar as mulheres para as fes-

¹⁸ De modo geral, as muxes não se consideram mulheres.



tas e podem chegar a ser mais femininas do que as mulheres – um dos motivos elencados para a proibição da entrada das muxes-mulheres nas velas mais tradicionais de maio, já que elas seriam um acinte às mulheres istmenhas. Entretanto, raramente vão se considerar mulheres e de modo geral têm muito orgulho de sua identidade muxe.

Entre as muxes-mulheres, existe uma verdadeira pedagogia da feminilidade, e normalmente as mais velhas sempre vão educar as mais novas: vão ensiná-las a equilibrar-se em saltos, a vestir-se, a maquiar-se e a pentear-se, vão emprestar-lhes peças de vestuário e perucas, vão ensinar-lhes as “manhas” para conquistar os homens e as “manhas” da prostituição. Obviamente, elas sempre estarão orgulhosas pelo peso de sua experiência e pela mestria que têm nesses assuntos.

Esse desejo pelo feminino nas muxes pode ser lido como uma forma de ginefilia (Luanna BARBOSA, 2013). O que pode ser confundido aqui é que a ginefilia pode voltar-se ao próprio sujeito (na forma de uma auto-ginefilia), ao outro (na forma de uma hetero-ginefilia) ou ao sujeito e ao outro (Michael BAILEY, 2003; Ray BLANCHARD, 1991). Todas as muxes são autoginefílicas, em maior ou menor proporção, ou seja, gostam de sentir-se femininas. Agora, se serão heteroginefílicas ou não, depende de cada uma e da ousadia em aceitar o desprezo da comunidade muxe: como já ressaltai, a muxe que aprecia o feminino em outro sujeito deveria reservar-se ao domínio da admiração de outra muxe ou de uma mulher como fonte de inspiração, nunca como uma forma de desejo. Porque, “se é para gostar de mulheres, elas deveriam ter continuado como homens” (Luanna BABOSA, 2015). Tocar esse tema é desfazer a coesão que as muxes conseguiram como comunidade e como identidade, chegando aos olhos do estrangeiro por meio de tantos canais de divulgação.

O que é imperativo saber quando tentamos compreender as muxes é que não existe uma essência ou um padrão: há muxes e muxes, ainda que os trabalhos realizados até então e as próprias muxes tentem dar coerência a esta categoria identitária. Talvez o único fator que de fato reúna todas as muxes seja a transgressão – inclusive porque, mesmo que as muxes já sejam consideradas como um elemento da sociedade istmenha, sua adequação ou sua escolha por um modo de vida tradicio-



nal já não é um tema isento de conflitos. Como ocorre para a identidade zapoteca, de modo geral a experiência muxe é caracterizada por uma profunda ambivalência entre o modo de vida zapoteco mais arraigado e o mundo mexicano mais nacionalizado e as influências estrangeiras, que chegam, há séculos, por meio de visitantes estrangeiros e imigrantes no Istmo. Essa oscilação nos padrões subjetivos vem influenciando a identidade muxe não só no que se refere à relação com o corpo e às vestimentas, por exemplo, mas na participação em eventos mais amplos e difundidos como as paradas LGBT nas grandes cidades (o que é recente na comunidade muxe) e na própria concepção do que é ser muxe.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Michael. **The man who would be queen: the science of gender-bending and transsexualism.** Washington D.C.: Joseph Henry Press, 2003.

BARBOSA, Luanna. **Las muxes de Juchitán: de hombre para hombre.** 436 Pp. Tese de doutorado – Centro Universitario de Ciencias Sociales y Humanidades, Universidad de Guadalajara, Guadalajara, 2015.

BARBOSA, Luanna. **Localidade ou metrópole?** Demonstrando a capacidade de atuação política das travestis no mundo-comunidade. 2010, 225 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

BARBOSA, Luanna. Sobre a errância e o efeminismo em campo. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, n. 10, 2013, Florianópolis. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386682858_ARQUIVO_LuannaBarbosa.pdf>. Acesso em 06 de setembro 2016.

BARBOSA, Luanna; BENSUSAN, Hilan. **Internacional queer: travestis, hijras, muxes e a negociação local das alternativas ao cis-heterossexualismo.** In: Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, n. 06, 2012, Salvador. **Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH.** Salvador: UFBA, 2012.

BLANCHARD, Ray. Clinical observations and systematic studies of autogynephilia. **Journal of Sex & Marital Therapy**, v.4, n.17, p. 235–251, 1991.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan:** sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós/Barcelona/México, 2005.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa:** a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. 2014, 342 f., Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade do Paraná, Curitiba, 2014.



MARTOS, Juan Antonio Flores. Los cuerpos mediadores o los transgéneros amerindios. In: ESTÉVEZ, Manuel Gutiérrez; PITARCH, Pedro (org.). **Retóricas del cuerpo amerindio**. Madrid: Iberoamericana/ Vervuert, 2010a.

MARTOS, Juan Antonio Flores. Travestidos de etnicidad zapoteca: una etnografía de los muxes de Juchitán como cuerpos poderosos. **Anuario de Hojas de Warmi**, no. 15, 2010b. Disponível em: <<http://revistas.um.es/hojasdewarmi/article/view/158881>> Acesso em 06 de setembro de 2016.

MIANO, Marinella. Entre lo local y lo global: los muxes en el siglo XXI. In: **Encuentro de Latinoamericanistas Españoles**, n. XIV, 2010, Santiago de Compostela. Disponível em: <http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/53/25/60/PDF/AT17_Miano.pdf> Acesso em 11 de setembro de 2016.

MIANO, Marinella. **Hombre, mujer y muxe en el Istmo de Tehuantepec**. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2002.

ORDÓN, Nilvia. **Algunos factores de mantenimiento de la identidad de personas muxé de Xadani (Municipio de Oaxaca) en la ciudad de Guadalajara. Migración y contacto cultural**. 2012, 100 f., Monografía (Graduação em História) – Universidad de Guadalajara, México, 2012.

REDDY, Gayatri. **With Respect to sex: negotiating hijra identity in South India**. Chicago and London: The university of Chicago Press, 2005.

SEGATO, Rita Laura. **La nación y sus otros: raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de políticas de la identidad**. Buenos Aires: PrometeoLibros, 2007.

Submetido em: 17-10-2016

Aceito em: 26-10-2016